

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E
EDITORÇÃO

ANDERSON MARQUES LIMA

**Pirataria na Música: a relação entre ouvinte
e indústria fonográfica ao longo do tempo**

São Paulo

2024

ANDERSON MARQUES LIMA

Pirataria na Música: a relação entre ouvinte e indústria fonográfica ao longo do tempo

Podcast de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador(a): Prof(a). Rodrigo Pelegrini Ratier

São Paulo

2024

AGRADECIMENTOS

Toda jornada não é feita apenas de um trajeto. Como estradas e rodovias, esses caminhos se interconectam e dão continuidade a algo que já existia. Fazer o curso de Jornalismo não seria possível sem trajetos percorridos anteriormente, por isso, aproveito a oportunidade de agradecer também pessoas que fizeram parte da minha primeira graduação de Letras, e que não foram agradecidas naquele momento, pois o curso não demandava a preparação do Trabalho de Conclusão de Curso.

Antes de mais nada, durante o Ensino Médio feito em escola pública, duas pessoas me fizeram ficar interessados com a possibilidade de fazer uma graduação em uma faculdade pública. Marcos, amigo de escola, que queria muito prestar Medicina, e me mostrou os caminhos para se inscrever e conseguir as isenções necessárias, e o Prof. Doni, que levava as turmas da escola para a Unicamp anualmente, e que sempre falava: “Façam faculdade pública, a vida de vocês vai mudar”. Ele não poderia estar mais certo, por isso, agradeço a essas pessoas pelo início do interesse e busca desse objetivo.

Agradeço ao pessoal do antigo CCAA Atibaia, que durante anos fez parte da minha vida, como trabalho, mas também como a escola em que aprendi inglês e toda sua cultura, o que despertou interesse na área de idiomas e me encaminhou ao caminho das belas letras. Seus conselhos fizeram desse adolescente, um homem focado e preparado para buscar algo maior.

Durante o curso de Letras, muitas pessoas fizeram parte da minha vida. Meus agradecimentos mais profundos aos amigos do Alemão que fizeram parte do início dessa jornada e que me acompanharam durante essa complicada escolha. Fiquei muito feliz de poder reencontrar vocês recentemente.

Votos de gratidão também aos amigos e amigas que entraram em 2012, 2013 e 2014. Vocês sabem quem são. Eu teria desistido do curso se não fosse pela companhia e pela alegria de vê-los a cada dia naquela época. Em especial ao meu grande irmão Gustavo Baldin, que fez parte da maioria dessa jornada, e que virou um daqueles amigos que ultrapassam a barreira da faculdade. Um dos irmãos que levo para a vida!

Aos professores que fizeram parte dessa primeira parte da caminhada, meus sinceros agradecimentos pelos aprendizados e novos gostos adquiridos. Entrei querendo tradução e saí apaixonado por literatura. Coisas que só a vivência em um curso como este podem fazer com a gente.

Essa estadia no curso de Letras não seria possível sem a ajuda da família de Rafael e Ricardo Freitas, amigos que fiz durante a época de CCAA Atibaia e que me ajudaram a suportar emocional e financeiramente grande parte dessa jornada. Algo que nunca conseguirei retribuir, mas ficam registradas aqui as palavras nesses agradecimentos e o desejo do melhor futuro possível a todos.

Não seria possível eu ter desejado entrar em Jornalismo, se duas pessoas não tivessem me ajudado na época. A primeira menção fica para Thiago Chaves, grande amigo de Letras que me mostrou que não importava a idade para se fazer uma segunda graduação, se esse fosse o meu desejo. E esse realmente era meu desejo, eu só não sabia na época.

A segunda pessoa merece um parágrafo só dele. A taxa de inscrição para a FUVEST era 200 reais, e naquele momento, eu não tinha o dinheiro necessário para me inscrever. Acredite, o dinheiro que você me emprestou foi o investimento mais certo que você podia dar na vida. Não só pelos 20 anos de amizade, mas de 13 mais intensos, obrigado por fazer parte da minha vida, Henrique Guilherme Martins. Seu nome tinha que estar aqui, justamente pela USP ter unido ainda mais essa amizade nascida em Atibaia. Temos muito o que conquistar ainda, meu caro.

Após entrar em Jornalismo e aproveitar um ano, a pandemia chegou e mudou radicalmente a vida de todos. Eu não teria conseguido passar ileso daquela ocasião se não fosse pela companhia dos colegas e amigos de casa da época. Obrigado Isis, Hugo, Maiane, Zé, Guilherme e gatinhos pela convivência no momento mais difícil dessa graduação.

Aos dois grandes amigos que fiz durante a graduação, deixo meus sinceros agradecimentos pelos momentos vívidos. Ao palmeirense Erick, obrigado pelos conselhos nos momentos que tiramos para conversar. As nossas diferenças de personalidade só me ajudaram a crescer e a melhorar quem sou, e seu sucesso é garantido, pois você é alguém que não desiste de buscar o que quer. Ao paladino Caio César, apenas o mais sincero obrigado pela companhia durante esses anos de faculdade, seja em projetos, trabalhos acadêmicos, festas, debates, chamadas e tudo mais o que essa amizade já proporcionou. São irmãos que levo para fora da faculdade, com o maior orgulho de saber que estive bem acompanhado e que continuarei dessa forma.

Ao pessoal da Jornalismo Júnior, que durante os anos de 2019 e 2020 (até um pouquinho de 2021, graças à pandemia) foram companheiros incríveis e que despertaram habilidades e gostos jornalísticos até então adormecidos. Em especial, Mariana Carrara, companheira de diretoria, mas também uma amiga incrível que me acompanhou durante essa jornada na Jornalismo Júnior e outra pessoa que levo além dos muros da universidade.

A todos os companheiros de trabalho que conheci ao longo dos estágios que fiz durante a graduação, seja Rádio USP, TC e C6 Bank, meus sinceros agradecimentos pelos aprendizados. Certamente, ajudaram na minha evolução e independente do caminho que tracei a partir de agora, já fazem parte dessa jornada dentro da Comunicação. E também aos companheiros de trabalho atual, Fast Translation, que mostraram compreensão durante o processo de TCC, e que deram toda a liberdade necessária para que tudo desse certo. Em especial, Fernanda Lima, que também me ajudou sendo uma das fontes em meu TCC.

Meus cumprimentos aos professores da ECA que fizeram parte do meu curso, em especial, os professores Vitor Blotta, Luciano Maluly e Rodrigo Ratier. O último aceitou ser meu orientador, e com toda sua experiência, me ajudou a trilhar o melhor caminho durante o processo de preparação do TCC. Muito obrigado pelas aulas, ensinamentos, conselhos e conversas, mas também pela amizade que levo de todos vocês.

Aos amigos Jors de 2019 e 2020, obrigado pelas aulas e companhia. É muito legal ver vocês trilhando seus caminhos com sucesso e força de vontade. Sei que, às vezes, esse não é o estado da área que a gente queria encontrar, mas temos uma longa jornada pela frente para mudarmos o que for possível ou nos adaptarmos.

Aos amigos de Atibaia, São Paulo, Campinas, e Brasil, meus sinceros cumprimentos e agradecimentos pelos votos de sucesso nessas duas jornadas universitárias. Sempre pude contar com vocês e fico feliz de ainda ter feito parte das suas vidas durante esse tempo.

A todos os familiares, primos, tios, tias, além de meus avós que se despediram ao longo desse tempo na faculdade, essas conquistas não seriam possíveis sem vocês, por todos os aprendizados e momentos únicos que passamos juntos. É Vô Flávio, seu neto virou jornalista também e sei que você está orgulhoso, me vendo aí de cima. Pode contar para seus amigos, igual você fazia aqui em vida.

Em vida, aproveito para agradecer imensamente a minha vó Teresa e bisavó Claudiana, guerreiras que ainda fazem parte da minha rotina e que espero poder acompanhar por ainda mais tempo. O amor de vocês ultrapassa gerações e se temos essas personalidades amorosas, só é possível, graças a tudo que vocês ensinaram e passaram adiante.

E claro, por fim, e com o maior merecimento possível, agradecimentos aos meus pais, Flávio e Vera. Independente se na Letras ou em Jornalismo, a compreensão, companheirismo, amor e ajuda que vocês me deram foi algo que me auxiliou durante todo esse processo. Passamos por momentos complicados, financeiros ou sentimentais, mas com foco e apoio, ultrapassamos todos eles e estamos aqui. Eu não seria quem eu sou sem a educação dada desde o início, mas também ao amor fornecido de formas diferentes por cada um de vocês. Mãe,

obrigado por ser essa mulher carinhosa, batalhadora, generosa e que foi minha companheira em todos os momentos necessários e não-necessários. Sei que você se preocupa em muitas situações, mas ainda há tempo de sermos felizes por completo. Não desista, pois eu não desistirei. Pai, muitas vezes, durante o início da minha adolescência, eu não entendia algumas coisas que aconteceram. Mas durante essas duas graduações, e, principalmente, durante os momentos que passamos juntos, percebi o quanto um adolescente pode estar errado. Como homem, agradeço a todos os conselhos e amor dados por você ao longo desse tempo. E claro, ao gosto pelos anos 80, algo que certamente influenciou a escolha do tema deste TCC.

Talvez o tamanho desses agradecimentos assuste, mas, às vezes, a vida não te dá segundas chances, e nesse caso, prefiro escrever palavras e mais palavras sobre essas pessoas que transformaram a minha vida, do que guardá-las aqui dentro, sem o mundo saber o quanto vocês são importantes. O futuro é logo ali e vou orgulhar vocês. Pode parecer que estou “atrasado” em algumas partes da vida, mas acreditem, estou apenas começando e vou retribuir no que for possível.

RESUMO

Resumo: O trabalho de conclusão de curso é um podcast em três episódios sobre como a pirataria influenciou a construção do gosto musical das pessoas. A prática não passou ilesa ao longo do tempo, o que movimentou empresas, gravadoras e mídia a criarem métodos combativos, como a maior busca pela apreensão de materiais clandestinos e a propagação de streaming musicais, como o Spotify e o Deezer. Ao longo dos três episódios, o podcast irá mostrar o que músicos, jornalistas, ouvintes de streaming e apreciadores de música pensam sobre o tema e como a relação entre ouvinte e indústria fonográfica foi modificada ao longo do tempo pela pirataria.

Palavras-chave: Pirataria. Música. Podcast. Streaming. Indústria fonográfica.

ABSTRACT

Abstract: The final paper is a podcast in three episodes about how piracy influenced the construction of people's musical taste. The practice has not escaped unscathed over time, which made companies, record labels and media to create combative methods, such as a broader chase in confiscating illegal materials and spreading music streaming, such as Spotify and Deezer. Over the three episodes, the podcast will show what musicians, journalists, streaming audience and music lovers think about the topic and how the relation between audience and the phonography industry was modified over time by piracy.

Key-words: Piracy. Music. Podcast. Streaming. Phonography industry.

SUMÁRIO

1 Ficha Técnica	10
2 Introdução	11
3 Justificativa	12
4 Objetivos	13
5 Metodologia e desenvolvimento	14
6 Conclusão e Aprendizados	16
7 Referências	18

1 FICHA TÉCNICA

Título do Podcast: Pirataria na Música: a relação entre ouvinte e indústria fonográfica ao longo do tempo

<https://open.spotify.com/show/5SIpEFE9eic27q4k2voHsE>

Episódio 1: O início e o fim do romantismo pirata na música – 24min 43s

Episódio 2: Ampliando horizontes: quando os piratas invadiram sua praia – 25min 31s

Episódio 3: O antídoto ou a institucionalização da pirataria? - 24min 04s

Ano: 2024

Direção: Anderson Marques Lima

Produção: Anderson Marques Lima

Roteiro: Anderson Marques Lima

Edição: Anderson Marques Lima

Apresentação: Anderson Marques Lima

Participação de: Andressa Nunes Soilo, Felipe Machado, Felipe Parra Alves de Oliveira, Felipe Seriacopi, Fernanda Lima, Filipe Jorf, Gabriella Salles, Silvio Roberto Mieli, Thales de Menezes, Wesley Amaral Gonçalves Rios (Wzy)

Locuções adicionais de: Caio César Pereira dos Santos

Orientação geral: Prof. Rodrigo Pelegrini Ratier

2 INTRODUÇÃO

Quando a palavra pirataria é usada, inclusive na mídia jornalística, os temas analisados abrangem a questão jurídica e econômica da prática, focando em tópicos sobre direitos autorais e propriedade intelectual.

No entanto, ao analisarmos a cultura brasileira e as gerações a partir da década de 70, vemos que a pirataria fez e faz parte do cotidiano das pessoas, especialmente no campo da música. Desde fitas cassete gravadas de shows internacionais e nacionais, rádios clandestinas que ocupavam frequências ilegais, o advento do MP3 e sua massificação, a venda abundante de CDs falsos, todos atos que envolviam música, cultura e pirataria.

A prática não passou ilesa ao longo do tempo, o que movimentou empresas, gravadoras e mídia a criarem métodos combativos, como a maior busca pela apreensão de materiais clandestinos e a propagação de streaming musicais, como o Spotify e o Deezer, sendo o último, o procedimento mais eficaz, ao contrário de leis antipirataria que não surtiram efeito, principalmente na Europa.

Com essas mudanças no mercado fonográfico, a pirataria ficou em menor evidência no campo musical, se comparado à pirataria de filmes, jogos e softwares. No entanto, ela ainda vive para aqueles que buscam uma maior definição na qualidade de áudio, ou raridades impossíveis de serem encontradas nos streamings.

3 JUSTIFICATIVA

A pirataria é um tema que já foi muito debatido na mídia brasileira. No dia 12 de dezembro de 2023, por exemplo, a Folha de São Paulo trouxe uma reportagem demonstrando que 47% da população brasileira recorre à pirataria para ouvir música, contra 29% do resto do mundo. Os dados foram revelados por meio de uma pesquisa feita pela Federação Internacional da Indústria Fonográfica, a IFPI.

Mas tente encontrar notícias relacionadas à acessibilidade e como a pirataria foi responsável por moldar gostos e democratizar o acesso a conteúdo que seria impossível de outra forma, quando considerado a economia e sociedade brasileira? Essa reflexão foi o que me levou a escolher o tema. No início, fiquei em dúvida se trataria sobre a pirataria em jogos eletrônicos ou em música, no entanto, essas descobertas envolvendo a questão musical definiram de vez os tópicos que seriam tratados na pesquisa.

Quando explorado em podcasts, apesar da liberdade na forma e conteúdo, a pirataria também é geralmente tratada de forma semelhante ao que acontece nos jornais e revistas. O canal CBN, por exemplo, fez uma série em podcast chamada “A Pirataria no Brasil” em 2021, que contou com 3 episódios de quase uma hora de duração. Os assuntos abordados são os impactos diretos e indiretos para a sociedade, os prejuízos “bilionários” com a não arrecadação de impostos e as leis de combate à pirataria.

Considerando a perspectiva jornalística, é raro encontrar material sobre o tema que mostre outras facetas, como a já citada acessibilidade e de como a pirataria foi capaz até de influenciar escolhas de profissões e criar gostos individuais.

O foco aqui é a música, pois é um elemento que faz parte da vida das pessoas, independentemente de sua classe social e origem, e que ultrapassa questões de propriedade intelectual e econômicas, criando uma conexão única com o interlocutor.

Ao crescer em meio a uma família que viveu intensamente os anos 80, e que consumiu música por meio de fitas clandestinas e CDs piratas, ter feito esse podcast também foi uma oportunidade de compreender esses fenômenos, além de entender como a música tem o poder de unir, inspirar, e até desafiar autoridades. Afinal, como diz a banda RPM em seu sucesso “Rádio Pirata”, “façam a revolução, que está no ar, nas ondas do rádio”.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

1. Produzir um podcast para debater e compreender como a pirataria atravessou gerações e contribuiu para o gosto musical de cada um, das rádios piratas aos drives digitais. Com isso, a ideia foi ir no caminho oposto ao que geralmente é tratado nos veículos tradicionais, como TV e jornais, que optam por tratar das questões jurídicas e de propriedade intelectual.

4.2 Objetivos Específicos

- Por meio de 3 episódios, de aproximadamente 25 minutos cada, a ideia foi analisar a influência da pirataria no gosto musical das gerações que cresceram a partir dos anos 70, pois este recorte temporal abrange as mídias que mais sofreram a intervenção de elementos piratas, como as rádios, CDs, DVDs, MP3 e drives digitais com suas bibliotecas.

- A temática dos episódios tratou os seguintes pontos:

1. Anos 70, 80 e 90: a pirataria se prolifera pelo vinil, fita cassete e CDs
2. Como os programas de compartilhamento, tal como a Napster, ajudaram a divulgar a pirataria ao redor do mundo
3. A indústria fonográfica reage, o surgimento dos streamings, e a sobrevivência da pirataria na atualidade

5 METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

A escola pela mídia de podcast ocorreu logo de imediato, no momento de escolha do tema. Falar sobre música soava bem mais natural se fosse pelo áudio. Além disso, com a possibilidade de poder diversificar os formatos para o trabalho de conclusão de curso, a ideia foi tentar algo diferente de uma monografia, explorando também opções aprendidas durante o curso. Considerando o estado atual da mídia, fazer um podcast também soou mais estimulante na questão do alcance de pessoas, pois conseguiria unir as diversas gerações citadas no próprio TCC.

De acordo com Luiz Ferrareto, em seu livro “Rádio – o veículo, a história e a técnica”, os gêneros jornalísticos do rádio são apresentados em três categorias: informativo, opinativo e interpretativo (FERRARETO, 2000). No trabalho desenvolvido neste TCC, as duas últimas categorias foram contempladas, com mais foco no opinativo, por conseguir aliar de forma mais natural outras temáticas.

Sendo um produto com características jornalísticas de rádio, a base do TCC foi feita por meio de pesquisa documental, gravação de texto (off), entrevistas externas, além da edição e uso de efeitos sonoros. Como usualmente acontece, as entrevistas externas auxiliaram em alguns textos narrados.

Com o conjunto de entrevistas, uma série de 3 episódios em podcasts pôde ser feita. No EP 1, a ideia foi entrevistar fontes que relatassem como era a pirataria na época das fitas cassetes e vinis, além de mostrar como esse fenômeno foi impulsionado pelos CDs, mídia que assumiu a indústria fonográfica a partir da década de 90. Para alcançar esse objetivo, fui atrás de jornalistas e músicos da época, além de ouvintes que experimentaram esse tipo de mídia, mostrando a relação de cada com esse momento histórico.

O segundo episódio trata sobre a plataforma Napster e como ela causou uma grande revolução no compartilhamento de músicas. A histeria foi tão grande que gravadoras e bandas realmente entraram no combate à pirataria, ao mesmo tempo em que milhares de pessoas ao redor do mundo tinham acesso a diversas músicas, algo que, às vezes, não seria possível de outra forma. Os jornalistas que ajudaram no episódio 1 também conseguiram contribuir com esse episódio, mas também foi possível encontrar uma pesquisadora que tratasse sobre o tema Napster, o que ajudou na compreensão dos efeitos causados por esse programa de compartilhamento de arquivos. Depois disso, o nascimento de diversos “filhos” do Napster, também foi abordado por meio de diversos tipos de ouvintes que aproveitaram destes programas

para conhecer bandas e músicas novas, mudando o jeito que se relacionavam com a música e criando diferentes gostos.

Desde o início, a ideia era encerrar o podcast com a questão dos streamings e mostrar se a pirataria havia diminuído com a chegada destes. A mesma pesquisadora que tratou sobre o tema do Napster, foi peça essencial nesse episódio, pois foi possível mostrar que os streamings utilizaram de ferramentas fornecidas pelos próprios piratas para alcançar o maior número de pessoas. Mais ouvintes e pessoas que utilizam o Spotify foram o foco neste episódio, para mostrar como a dependência pela pirataria se extinguiu com as facilidades trazidas pelos streamings.

A combinação desses episódios tem o objetivo de proporcionar uma abordagem abrangente sobre o tema, além de provar que, de fato, a pirataria foi um fator importante na construção de gostos musicais ao longo das gerações.

Após fazer as entrevistas, que contou com dez fontes, foi o momento de elaborar o roteiro. Para isso, o maior problema foi transcrever as mais de dez horas de conteúdo. Para obter um melhor resultado, utilizei o site Good Tape, que economizou grande tempo nessa parte do trabalho. Após transcrever, li todas as entrevistas e fui selecionando as partes que caberiam em cada episódio. Para determinar qual parte iria em um episódio, escolhi cores que denotavam qual episódio aquele trecho tratava. Com isso, juntei todos os trechos de cada episódio em roteiro diferentes e fui organizando em uma ordem coerente.

Com essa ordem, foi o momento de criar minhas locuções, que ligaria todas as falas dos entrevistados. Para isso, pesquisei ainda mais sobre o tema, tentando conectar sem repetir o que era falado pela fonte. De qualquer forma, em alguns momentos, as falas só serviram como ligação de uma fonte para a outra.

Finalizado o roteiro, comecei a selecionar as músicas, sons, efeitos e elementos que fariam parte de cada episódio. Aqui foi considerado o contexto temático de cada episódio, por isso algumas músicas fazem mais sentido do que outras, já que pode ter sido citado pela própria fonte ou só uma forma mais coerente de iniciar o próximo momento do episódio. Com a seleção desses itens, foi iniciada a edição, último momento de elaboração do TCC.

Após a edição, meu orientador ouviu e fez considerações plausíveis dentro do contexto de tempo que tínhamos, e com as correções feitas, subi os episódios na plataforma de streaming Spotify, pegando o link e compartilhando com todos os integrantes da mesa.

6 CONCLUSÃO E APRENDIZADOS

Pesquisar e tratar de um tema tão delicado como a pirataria na música foi uma verdadeira aventura em meio a muitas descobertas e falas interessantes. Cada entrevista feita acrescentou muito na própria elaboração do tema, mas também em novas maneiras de encaminhar os tópicos.

Descobrir que vinis piratas eram mais caros que os originais foi uma dessas descobertas. Perceber que o raro era mais importante para a pirataria do que o fácil em seu início de propagação na música mudou a percepção que eu tinha daquele momento histórico. As fitas cassete serviriam justamente como um escape desses vinis, oferecendo maior acesso a todos os ouvintes. Entender que a pirataria era algo mais usado por próximos durante a década de 70 e 80, em uma comunhão de pessoas que tinham o mesmo gosto ou que queriam passar adiante aquele material. O mercado não era afetado, ainda mais em uma década tão rica para gravadoras e bandas.

Com isso, a década de 90 chegou com mudanças para esse cenário, já que com os CDs, o método de gravação foi ainda mais simplificado, o que aumentou a propagação de material clandestino pelo mundo, mas principalmente em países de terceiro mundo. O que foi motivo de perseguição no início, se transformou em um aliado, e bandas de determinados estilos ficaram ainda mais conhecidos por meio dos CDs piratas.

A grande revolução mesmo foi ocasionada pelo surgimento do Napster, o que para algumas fontes entrevistas, causou o fim do mercado fonográfico como conhecíamos. Mesmo sendo caçada pelas bandas e gravadores, o Napster ajudou na criação de diversos outros programas de compartilhamento. Era um caminho sem volta, e as gravadoras e bandas encontraram muitas dificuldades para controlar suas propriedades intelectuais. Ao mesmo tempo, foi o momento de maior descoberta para os usuários de internet, que tinham acesso a matérias até então inalcançáveis por outros meios, seja por questões financeiras ou pelo bloqueio de região.

Os países pensaram em leis antipirataria para tentar recuperar o controle prévio, mas economicamente falando, tais medidas não surtiram efeito, conforme mostrado no episódio 3. A maneira de enfrentar a pirataria de arquivos digitais foi bem sucedida apenas quando os streamings musicais foram criados. Foi incrível entender e aprender que estes streamings utilizaram de ferramentas já utilizadas pela pirataria, como contas freemium, fácil acessibilidade e valores mais justos. Ainda mais surpreendente, foi perceber que a pirataria na

música ainda existe, aparentemente com menos força, mas como uma forma de encontrar materiais mais raros e com maior qualidade sonora, o que retorna aos moldes existentes na pirataria dos vinis. Ou seja, o círculo se fechou e a pirataria retornou a suas raízes, quando tratada no campo musical.

Outro ponto importante foi concluir como a balança mudou de acordo que o tempo passou, se tratarmos da relação ouvinte x gravadora x banda. Não houve um momento em que os três lados estiveram satisfeitos e, atualmente, foi possível perceber como as bandas estão enfraquecidas com os streamings, além do difícil acesso dos ouvintes a bandas mais independentes, já que esses programas dão maior visibilidade a bandas mais bem-sucedidas comercialmente.

O principal aprendizado após a apresentação do TCC foi perceber que o trabalho feito falou mais sobre a relação entre a pirataria e o mercado fonográfico, e de como essa pirataria mudou a forma como as pessoas ouvem música, do que sobre questões de gosto e de como a pirataria foi uma ferramenta de suporte para a criação destes gostos. Apesar de existirem momentos que tratam sobre o objetivo inicial da proposta, o material coletado por meio de pesquisa e fontes foi mais direcionado para os tópicos citados acima.

Essa percepção só foi possível após entender as falas dos convidados da mesa, que mesmo reconhecendo a existência de momentos que falam sobre essa criação de gostos, perceberam que a construção feita nos episódios relatava mais sobre essa relação com o mercado do que qualquer outra coisa. Por isso, o título do trabalho de conclusão de curso foi alterado, indicando mais diretamente o tema tratado com maior abrangência durante os três episódios.

Com essas observações, novas portas foram abertas e há a possibilidade de pesquisar novos tópicos dentro deste tema, pois a pirataria é peça essencial em outras questões, como, por exemplo, a emancipação de estilos musicais até então fechados em sua própria região, mas que encontraram formas de chegar ao resto do país por meio da pirataria, inclusive, com a divulgação das próprias bandas, que encontraram na pirataria uma forma eficaz de promoção.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). Theodor W. Adorno. São Paulo: Ática,. 1986.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas de áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio – o veículo, a história e a técnica**. 2º ed. Porto Alegre. Sagra-Luzzatto, 2000.

JARDIM, Lucas Bernasconi. **A pirataria de música gravada e a indústria cultural**. Dissertação de Pós-Graduação. São Paulo: Ciências Sociais/EFLCH - Unifesp, 2014.

MANCHINI, Cristiano da Silva. **Tapa-olho e papagaio: O discurso parcial e repetitivo da mídia sobre a pirataria**. Tese de Licenciatura. São Paulo: Centro Universitário Nove de Julho, 2009.

SANTOS, Christiano Rangel dos. **Pirataria Musical: Entre o ilícito e o alternativo**. Dissertação de Pós-Graduação. Minas Gerais: História Social/Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

SOILO, Andressa Nunes. **Habitando a distribuição do entretenimento: o regime de propriedade intelectual, a tecnologia streaming e a “pirataria” digital em coautoria**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Antropologia Social/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

WITT. Stephen. **Como a música ficou grátis: o fim de uma indústria, a virada do século e o paciente zero da pirataria**. Tradução: Andrea Gottlieb de Castro Neves. 1 Ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.